

**ENTR(E)STAÇÕES: ALGUMAS CORRESPONDÊNCIAS POÉTICAS COM  
A CASA DA RUA DA LINHA**

**ENTR(E)STACIONES: ALGUNAS CORRESPONDENCIAS POÉTICAS COM  
LA CASA DE LA RUA DA LINHA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Gordilho Martins / UFBA

**RESUMO**

Trago aqui algumas correspondências poéticas, realizadas em 2017 e 2018 com a casa da Rua da Linha, no Recôncavo Baiano, onde passei a infância: Entr(e)stações. Encontro-me entre lugares escolhidos para determinada pesquisa, observando e registrando. Parei em cada estação. Coloquei um marco. Experiência em tempo gerúndio. Práticas artísticas autobiográficas nas quais recolhi folhas e acondicionei outonos. Plantas eternizadas em ouro ou prata e cobre, que adormecem sobre fibras ou repousam em pequenas almofadas de veludo seladas em caixas de acrílico. Semeio reflexões. Germino o pensamento visual entre prática (experimentos, desenhos, e objetos) e teoria (textos de artista, anotações, e leituras), como grãos que fertilizaram as estações, tendo como referências principais Gaston Bachelard e Didi-Huberman.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casa; memória; folhas; estação; quintal.

**RESUMEN**

*Traigo aquí algunas correspondencias poéticas, realizadas en 2017 e 2018 con la casa de la Calle de la Linha, no Recôncavo Baiano, donde pasé la infancia: Entr(e)staciones. Me encuentro entre lugares escogidos para determinada investigación, observando y registrando. Paré en cada estación. Coloqué un marco. Experiencia en tiempo gerundio. Prácticas artísticas autobiográficas donde recogí hojas y acondicioné otoños. Plantas eternizadas en oro o plata y cobre, que adormecen sobre fibras o reposan en pequeños cojines de velludo selladas en cajas de acrílico. Siembro reflexiones. Provoco el pensamiento visual entre práctica (experimentos, dibujos y objetos) y teoría (textos de artista, anotaciones y lecturas), como granos que fertilizan las estaciones, considerando como referencias principales Gaston Bachelard y Didi-Huberman.*

**PALABRAS-CLAVE:** Casa; memoria; hojas; estación; patio.

Passei a infância no Recôncavo Baiano, região fluvial que abraça Salvador e vai rumo à imensidão do mar, criando os mais lindos estuários, jamais imaginados. Voltar ao Recôncavo significa trabalhar com a memória que me lança para um tempo que estava velado. Traz sensações, sabores, gestos, cores em uma prática artística autobiográfica.

Essa região, no entorno de Salvador, compreende uma unidade dual da fisicalidade, porto e porta portuguesa, território de *taipa de pilão*<sup>1</sup>. Abrigou engenhos de cana de açúcar, desde os primórdios da colonização, e atividades salineiras<sup>2</sup>, nos quais se desenvolveu a cultura escrava fervilhada nas senzalas e nos trapiches. História de grandeza e de miséria – para explicitar seu campo de convergência formado por bipolaridades: mente e matéria, saciedade e fome, ficção e realidade. Cada par de contrários forma, por conseguinte, não apenas uma unidade, como também uma pluralidade.

A presença do rio Paraguaçu<sup>3</sup> testemunha a fixação e a exploração dos descobrimentos lusos, com a imposição da sociedade civilizada, que submeteu e sacrificou os tupinambás da costa e a multidão dos nativos africanos, na maior migração humana.

Os escravos, *pés e mãos de seus senhores*, transformaram as primitivas paliçadas em taipa grossa, em casas de sopapo, e ergueram sobrados de pedra e cal e suntuosas igrejas a serviço dos senhores de engenho que se espalhavam em sesmarias doadas ao longo das terras de massapé<sup>4</sup> do Recôncavo Baiano, entrecortado de rios e ilhas. Combatida a ferro e fogo, a indiada rebelde, que vivia nas margens fluviais, tinha o rio Paraguaçu como testemunha. Separa as cidades de Cachoeira e São Félix, unidas pela ponte de ferro D. Pedro II. É um rio de largueza silenciosa, bojudo, de águas turvas e quase sempre tranquilas, porém misteriosas. Outrora, em tempos de cheia, suas águas subiam e, muitas vezes, inundavam as cidades próximas, deixando as ruas enlameadas, as construções desgastadas, e rastros de limo e mofo. Outras vezes, com as escassas chuvas, suas águas minguavam... Infindáveis lamentos e murmúrios...

“Meu Divino São José,  
aqui, estou em vossos pés  
dai-nos chuva com bonança  
meu Jesus de Nazaré...”<sup>5</sup> (GORDILHO, 2004. p.72).

MARTINS, Maria Virginia Gordilho ENTR(E)STAÇÕES: Algumas correspondências poéticas com a casa da Rua da Linha, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.145-158.

A navegação no rio sempre foi intensa, desde os primórdios do período colonial. O primeiro meio de transporte entre Salvador e o sertão se realizava através da navegação fluvial, de Cachoeira até a Baía de Todos os Santos. As principais embarcações que subiam e desciam o Paraguaçu eram as canoas, os barcos à vela, os saveiros e o vapor. A navegação a vapor foi implantada a partir de 1819, e o último vapor a fazer a travessia foi o *João das Botas*, pois, em meados da década de 60, foi desativado esse tipo de navegação.

Havia o Recôncavo da cana, do sal, do algodão, da lã, do carvão, do fumo, do café, da farinha, do dendê, e, a partir de meados da década de cinquenta, o do petróleo. Gradativamente, o chapéu de palha do roceiro foi substituído pelo capacete de alumínio, e, hoje, as torres de petróleo dialogam com as ruínas dos engenhos. Atualmente, a região integra 48 municípios, que vão do rio Sauípe ao rio Jiquiriçá. Com o ciclo do açúcar, criou-se um cenário econômico e político que traduz a formação cultural da Bahia. O rio Paraguaçu sempre foi extremamente piscoso. Suas águas alimentaram e ainda alimentam a população baiana. Peixes e mariscos, robalos, petitingas, curimãs e siris fazem parte da culinária baiana.

É importante observar diversos fatores – a implantação do Complexo da “Pedra do Cavalo”, a poluição progressiva, o aterramento das margens do Paraguaçu, a pesca predatória e o garimpo – promoveram um impacto negativo no ecossistema do Recôncavo.

Além dos aspectos econômicos e políticos, esse mencionado rio tem uma forte ligação histórico-cultural com nossas memórias soteropolitanas, como se constata nesses versos de uma das mais famosas canções populares da Bahia:

“O Vapor de Cachoeira  
não navega mais no mar  
arriba o pano, toca o búzio  
nós queremos vadiar...  
Lá vai uma, lá vão duas  
lá vão três pela primeira  
lá vai o meu amor embora  
no vapor de Cachoeira...” (GORDILHO, 2004. p. 73)

Esse significativo cenário, formado por águas e por arquitetura barroca, abriga uma das maiores concentrações de terreiros de Candomblé da Bahia, gerados nas senzalas, com batuque ritmado, danças e cantos que celebram os deuses trazidos da África, mantidos vivos no velado sincretismo.<sup>6</sup>

Uma hipótese defendida por pesquisadores, como o Professor baiano Armino Bião (1950/2013), da Escola de Teatro da UFBA, é que a matriz estética, nativo-luso-banto-sudanesa do Recôncavo atingiu o sertão e o vale do São Francisco, entrecruzando-se com as expressões daquela região, devido à transculturação. A cultura é viva, dinâmica, e sofre misturas e influências de pessoas que se mudam e levam suas crenças e mitos.

Assim sendo, o Recôncavo entrelaça a cultura dos povos indígenas com a expressividade negra e lusa, incluindo a de seus descendentes – mamelucos, cafuzos e caboclos. Seus traços marcantes foram deixados em vários locais, bem como as raízes desse sulco cultural, o qual ainda se move em feiras livres, procissões e danças associadas a talismãs, amuletos, mitos e rituais sonoros.

As memórias desse Recôncavo são fortes em minha vida. São existenciais, autobiográficas em si mesmas, permitindo-me, por vezes, fabulações com lembranças “roubadas” de meus irmãos, facilmente contaminadas pelas histórias contadas por eles em espaços e tempos distintos. Ainda pequena, sendo a quarta de cinco irmãos, vivenciei um período da infância com minha avó materna, Domnina Rezende Sanches de Almeida, quando convivi intensamente com a natureza em um sobrado de estilo eclético datado de 1912, localizado na cidade de Santo Antonio de Jesus (Figura 1).

Essas vivências, por certo, propiciaram a gênese do processo criativo que aqui apresento. Nelas estão pincéis, tintas, poesia, natureza, jardins, quintais e porões que povoaram desde cedo as *paisagens* imaginárias, especialmente os atravessamentos pelo mar e rio no vapor de Cachoeira, na Baía de Todos os Santos.

Desembarcava na Ponte D. Pedro II, para tomar o trem e seguir até a Rua da Linha, que passava em frente à casa de meus avós, o que me fez marcar a primeira estação

como local escolhido para pesquisa, observação ou registro. Lá parei e coloquei um marco.

Esses movimentos traduzem essencialmente o conceito de ciclo, de movimento, da experiência, de um tempo gerúndio que faço existir, o que me levou a intitular este artigo de *Entr(e)stações*.



Figura 1 – Cartografia da cidade de Santo Antonio de Jesus e sua localização no mapa da Bahia. Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+cidade+de+santo+antonio+de+jesus+no+reconcavo+bai+ano>

O lugar, chamado “Chácara Conceição”, era povoado por gente simples, que conservava a potencialidade de transformar aquilo que se encontra ao lado da morada, no mato, à beira dos regatos: argila, areia, terra vermelha *tauá*<sup>7</sup>, fumo, fibras, mandioca, sementes e muitos outros materiais... Acredito que foi ali que vivenciei os primeiros laboratórios, especialmente nos porões da casa grande, onde eram armazenados frascos de vidro, garrações de vinho, cestas, fumo de corda, sementes, cereais... Eram verdadeiros arquivos, onde fantasmas rondavam... Porões repletos de caixinhas e mistérios, com teias de aranha para prender os curiosos, visíveis nos quatro óculos que aparecem na fachada da casa (Figura 2).

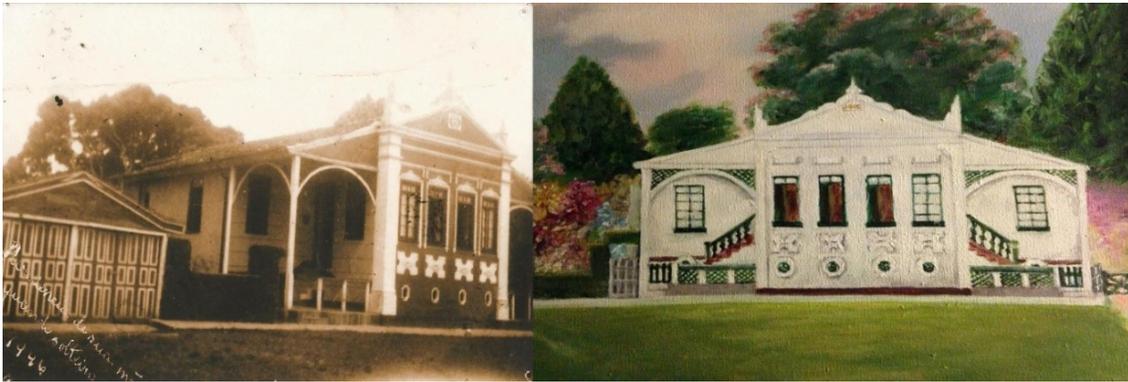


Figura 2 – Casa da fazenda fotografada por meu avô, João Silva, em 1946, e pintura de autoria de minha mãe, Maria Sanches, feita em 1953, ano em que nasci (Arquivo da autora).

No lado esquerdo, o jardim. No direito, o pomar. E no quintal, a casa de farinha, onde se tratava a mandioca. Havia ainda garagem de manocagem de fumo, chiqueiro, galinheiro, cisterna, um tanque coberto de musgos, inúmeras árvores frutíferas e gigantes. Constantemente, eu colhia e acondicionava suas folhas entre as páginas de livros antigos e pesados da escrivaninha de meu avô.

Foi assim que escutei e busquei indícios das primeiras *memórias*, e registrei para sempre aqueles cenários umedecidos e endurecidos de manguezais e massapé<sup>8</sup>, com cheiro de sal e açúcar. Triste e doce Recôncavo... São estações numa infância de aconchego, quando ouvia a água caindo do céu, que propiciava o banho de bica, a Rua da Linha, que conduzia o trem de viajantes e aprendizes..., hoje Rua Vereador João Silva. A estação de trem e o quintal da casa ocupavam um lugar lúdico em mim, e pareciam dilatar e ressignificar a experiência com a casa da infância, como uma chácara de sonhos.

Esses arquivos-memória desenham-se interna e externamente no universo criativo, como o fluxo das marés em portas de *Pejis*<sup>9</sup>, em compartimentos sagrados, imortalizando a contemplação lúdica daqueles territórios singulares, os quais reconfiguro hoje para uma dinâmica dual – espaço e tempo –, desvelando e revelando seus segredos em signos particulares, numa contínua transcodificação matérico-simbólica.

MARTINS, Maria Virginia Gordilho ENTR(E)STAÇÕES: Algumas correspondências poéticas com a casa da Rua da Linha, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.145-158.

Gaston Bachelard (1884 - 1962), em sua obra *A Poética do Espaço*, considera os cantos, como refúgios... “Todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de uma casa”. (BACHELARD, 2008, p.30)

Não apenas as lembranças, mas também os esquecimentos estão alojados na rua da Linha. O inconsciente e a ficção moram ali. Minha alma também lá se aloja, pois “sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço”. (BACHELARD, 2008, p.18).

Quando rememoro os aposentos e os seus arredores, consigo estabelecer também algumas correspondências entre arte e arquitetura, como um elo afetivo de maneira topofóbica (Figura 3).

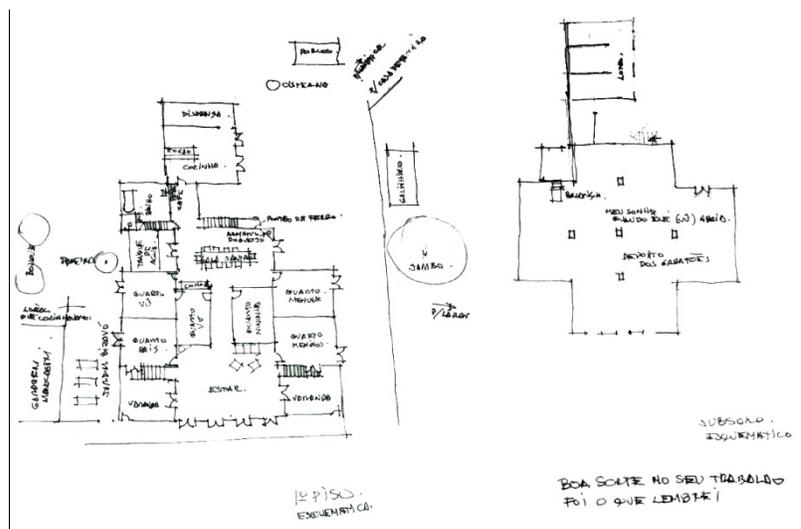


Figura 3 – Plantas baixas desenhadas de memória por meu irmão mais velho, arquiteto Geraldo Jose Veloso Gordilho.

Nessas plantas, encontrei abrigo, criei aproximações com as obras que venho produzindo, promovendo uma dialética do interno com o externo e dando a cada trabalho um valor ontológico, que vai repercutir numa dialética do aberto e fechado, do cheio e vazio, do que enraizei no dia a dia em cada lugar que revisitei. E cada cômodo, cada árvore, tudo habita meu imaginário, como gavetas de vivências agora abertas na maturidade.

O sobrado era composto por uma grande sala de estar, quatro quartos, duas alcovas, uma sala de jantar, um banheiro, uma cozinha iluminada, um depósito e quatro porões. Assim, os trabalhos que aqui se apresentam operam uma aproximação física e simbólica que repensa a arte em ressonância com a arquitetura.

Lembro-me do artigo escrito pelo cineasta, poeta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975) em 1975, no qual Didi-Huberman defende a “sobrevivência” da experiência e da imagem, estabelecendo conexões com o pensamento. Os vaga-lumes representam as diversas formas de resistência da cultura, do pensamento e do corpo diante das luzes ofuscantes do poder da política, da mídia e da mercadoria. A visão apocalíptica de Pasolini se expressa em sua afirmativa: “não existem mais seres humanos”. Segundo ele, o homem contemporâneo está “desprovido de sua experiência”.

Então, recorro também à “dialética” de Walter Benjamim para demonstrar que a experiência ainda é possível no mundo contemporâneo, pois essas vivências acenderam lembranças que iam e vinham, como “lampejos de inocência”, como os vaga-lumes, os pirilampos que ainda povoam meu imaginário, como a luz de Didi-Huberman em *Sobrevivência dos vaga-lumes*, onde as obras se tornaram síntese de arte e vida.

O espaço todo é salpicado – constelado, infestado – de pequenas chamas que parecem vaga-lumes, exatamente como aqueles que as pessoas do campo, nas belas noites de verão, veem esvoaçar, aqui e ali, ao acaso de seu esplendor, discreto, passante, tremeluzente. (HUBERMAN, 2011, p. 11).

Sob esses “lampejos de inocência”, intitulei “Jardins suspensos” (Figura 3), a primeira obra que trago para reflexão. Junto com ela, veio à primeira questão, relativa à memória e ao tempo. Como acessar a memória transladando para a poética dados e registros de outros tempos?

Inicialmente, retomo o tanque de água, com aproximadamente 5x3x3m, o qual era visto e apreciado de uma das janelas da sala de jantar. Era meu bosque encantado, pois vegetações distintas cresciam com a umidade das paredes de cimento...

Esse crescimento ampliava mais a percepção cromática com inúmeros matizes esverdeados do limo. Na base do tanque, costumava brincar à espera que a água jorrasse tempestuosamente, até minha vó gritar: “Fecha o ladrão! O tanque está transbordando!!!”.

A partir dessas lembranças, criei a obra “Jardins suspensos” (Figura 4), parafraseando Bachelard (2008), ao aproximar, como metáfora, o “tanque” com tempestades do céu das tempestades da vida. Utilizei uma vitrine de vidro, acondicionei sementes e cultivei várias espécies de plantas. Analisei a vegetação e produzi arquivos para futuras obras, pois cada detalhe tem uma função que merecia atenção naqueles organismos.



Figura 4 – “Jardins suspensos”. Vitrine de vidro 153x50x35 m, módulo de acrílico, 22x22x10cm e plantas cultivadas (Arquivo da autora). Obras apresentadas, respectivamente, nas exposições: “XVII Arquivos poéticos”, com curadoria de Viga Gordilho, na Galeria do aluno, EBA/UFBA 2017, e “O pensamento natural”, com curadoria do Prof. Dr. Hugo Fortes, inserida na programação cultural do III Seminário Internacional Arte e Natureza, ECA/USP, 2017.

Tentando buscar outras respostas, inventariei singularidades, agora na sala de jantar, como nos situa o artista cearense Prof. Dr. Marcos Martins: “... espaço de sociabilidade da casa, fronteira entre o fora e o dentro, lugar das celebrações e recepção das visitas; onde os limites entre o íntimo da casa e o devassado da rua se rompem.” (MARTINS, 2018, p. 22). Adentrando na sala referenciada, havia o piano, localizado no lado direito, em frente à janela, no qual, no cair da tarde, quando se escutavam as primeiras cigarras no tamarineiro, a vó Domnina remexia as velhas partituras e preenchia os

cômodos da casa com melodia que fazia concorrência com a cantoria das cigarras, o que me traz, mais uma vez, Bachelard.

A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso [...]. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser 'jogado no mundo', como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 2000, p. 26).

Sim, nesses “dinamismos” de passado e presente, bem como em diferentes conceitos, busquei materiais que podiam gerar uma amálgama interessante. Assim, recolhi partituras musicais, como ilustra a Figura 6, e juntei objetos memoráveis, desenhos e diários selados em arquivo anterior, da obra “Jardins suspensos”.



Figura 5 – “Coisas bonitas que encontrei”. Detalhes, partituras, palavras, vidro, ouro, terras e objetos. Dimensões variadas. Obra apresentada na sala Riolan Coutinho EBA – UFBA, inserida no projeto “Algumas correspondências”. Criação e curadoria de Viga Gordilho, 2018 (Arquivo da autora).

Pude refletir, com essa obra, que o tempo – mesmo sendo heterogêneo e pleno de lacunas, espacialidades distintas e saltos sociais e culturais – pode trazer uma continuidade no pensamento visual. Outra questão significativa que observei, no percurso criativo, é que, quando, na obra, entrelaçam-se matéria, memória e conceito, ela se torna uma tríade significativa para a arte contemporânea. Revisitei também o quintal e as árvores frutíferas que mais me traziam lembranças: manga rosa, manga

carlota, graviola, tamarindo, seriguela, pitanga, goiaba, acerola e jaca. Recolhi as folhas, esperei secar sobre pequenas pranchas de vidro, como mostra a figura 6.



Figura 6 – Arquivo-processo, espelhando a secagem das folhas sob pranchas de vidro (Arquivo da autora).

À medida que secavam, bordei cada uma com linha vermelha. A sensação era de retorno ao barro, os pés sujos de lama e a seiva que escorria como sangue das frutas arrancadas do pé.

Não tive dúvida: criei pequenas paginas em fibra de algodão, embebidas com CMC (carbox de metil celulose), e acondicionei aqueles instantes em uma pequena caixa de acrílico, formatando um livro de artista, figuras 7 e 8. Eternizei com cobre uma pequena folha de mangueira, coloquei-a na capa ou tampa, e selei como se sela um tempo leve de vivências, de frágeis intensidades e de devires fugazes. Assim, na obra “Entre folhas”, recolhi e acondicionei fibras, ares e outonos, do tempo em que existiam quintais floridos, com as fendas e plantas que geram.



Figuras 7 e 8 – “Entre folhas”. Livro de artista. Folhas de manga rosa e carlota, graviola, tamarindo, mogno, seriguela, erva cidreira, pitanga, goiaba, acerola, gengibre, canela, ouro e cobre e fibras acondicionados em acrílico. 15x15x5cm. Obra que integra o projeto “Feituras e leituras, o livro de artista.” julho de 2018. Cooperativa Árvore. Porto/Portugal (Arquivo da autora).

Há, nesse livro de artista, frestas de pensamentos que me levaram até o quintal – memórias pessoais e íntimas –, lugar seminal e sagrado onde os dias eram lentos e se estendiam até a Rua da Linha.

Nesse percurso de cultivo, retornei ao sobrado e adentrei mais uma vez a sala de estar, sentindo o cheiro de flores angélicas, recém-colocadas em dois vasos de prata cinzelados manualmente e suspensos em dois pés de jacarandá, que zelavam um pequeno corredor, conduzindo à sala de jantar.

Dessa vez, a sala estava silenciosa. Acomodei-me numa das almofadas de veludo verde da cadeira conversadeira. Elas estavam lá, junto ao piano. Eram três cadeiras abraçadas. A palhinha do assento estava gasta, e os pés, eram em formato de patas. Interpelavam a força da oralidade que desencadeia a natureza da memória de “Arquivos Vivos”. Fiquei imaginando que conversas foram sussurradas naquele abraço mudo e negro de jacarandá...

Sim, essas “cadeiras conversadeiras”<sup>10</sup> me encantaram... Iniciei um diálogo com elas no instante em que as vi. Imaginei como seriam significativas para uma obra, e vários conceitos povoaram minha imaginação questionadora:

Símbolo da tradição oral? Símbolo de intrigas? Símbolo da ordem do silêncio, do gemido ou de murmúrio? Por que as pessoas, quando conversavam, não podiam se entreolhar? A imagem celestial das “Três Marias” povoou minhas divagações...

Sob essa percepção, os objetos que agora apresento constituem uma metáfora da contemporaneidade, juntamente com as ambiguidades pertencentes ao próprio objeto, questionando sua relação com as convenções.

Para acentuar a idéia de ambiguidade e de fragilidade, resolvi confeccionar as almofadas com a cor da floresta e nelas repousar cinco folhas eternizadas em prata.

Forte e frágil Recôncavo...



Figuras 9 e 10 – A autora e a obra “Entr(e)stações”. Pigmentos, grafite sobre tela e folhas de rendas, canela, pau brasil e caju eternizadas com banho de prata, adormecidas em veludo e acondicionadas em módulos de acrílico, 90 cm x 2.210m. Exposição “Eba 140 anos”, Sala Contemporânea Mario Cravo Jr., Palacete das Artes, Salvador, BA, 2018. Fotos: Yumara Pessôa.

Percebi, com essas obras, que o alcance de uma dimensão do tempo–espaço pode ser acentuado com o procedimento instaurador do trabalho, que passa pela técnica, mas também pela viabilização de ideias e pela concretização do pensamento por onde a memória transitou e transita sem fronteiras. Cada objeto “plantado” germinou livremente.

Acredito que essas práticas artísticas autobiográficas me colocaram diante de um campo fértil para reflexões e debates acerca das potencialidades, preciosidades e fragilidades inseridas na arte contemporânea e contextualizadas em fatos atuais, uma vez que, em Salvador, centenas de árvores estão sendo derrubadas para construção de linhas do VLT – Veículo leve sobre trilhos. Então, segui desenhando também essas árvores derrubadas, catalogando suas folhas. Agora elas adormecem sobre almofadas de veludo, seladas como jóias, como se pode observar nas figuras 9 e 10.

Aqui, caminhos se entrecruzaram, como fios condutores de vários instantes, tecendo outros conceitos, desde a “Rua da Linha” até a “Linha do VLT”, pois a poética não foi criada de uma só vez. Ela se potencializou no percurso, respeitando a lógica da produção de cada espaço, pois essas “linhas” continuam tracejadas em meu imaginário...

## Notas

- <sup>1</sup> Técnica de construção muito utilizada no período colonial, especialmente em regiões onde não existia a cal. A técnica consistia em socar a massa de terra em um pilão, em formas denominados taipais.
- <sup>2</sup> A atividade salineira (produção de sal) foi incentivada pelo comendador Manuel de Souza Campos, a partir de viagens a Aveiro em Portugal. Foi implantada a partir de 1885 na cidade de Salinas, hoje denominada Salinas da Margarida, município que se limita com o Recôncavo.
- <sup>3</sup> Paraguaçu (do tupi) vem da corruptela Peruassú, que significa rio grande, ou mar grande. O nome do rio Paraguaçu foi dado em homenagem a Catarina Paraguaçu, indígena que casou com o português Diogo Alves Correa, apelidado Caramuru (em tupi, homem do fogo e do trovão).
- <sup>4</sup> Terra argilosa formada pela decomposição dos calcários cretáceos, quase sempre de cor preta.
- <sup>5</sup> Modinha popular nordestina, oriunda do interior, cantada como “amuleto” em 19 de março, para trazer as chuvas no plantio do milho, com a meta de garantir a colheita para os festejos de São João.
- <sup>6</sup> A pesquisadora baiana, Maria de Lurdes Siqueira, no livro *Agô Agô Lonan*, define sincretismo como “síntese de aportes culturais e religiosos diferentes”. A autora concentra-se na defesa da ideia de que não há e nunca houve um sincretismo entre o candomblé e a igreja católica, e sim uma justaposição de práticas religiosas decorrente, sem dúvida, das estratégias articuladas pelos negros escravizados ou libertos para cultivar e manter o sistema de crença de seus ancestrais africanos. O catolicismo e o candomblé são universos radicalmente diferentes, com valores inconciliáveis. (SIQUEIRA, 1998).
- <sup>7</sup> Palavra indígena: argila aluvial colorida com hematita, óxido de ferro, excelente pigmento vermelho.
- <sup>8</sup> Solo mole e escuro, espécie de lama que se encontra perto das marés; zona de meretrício.
- <sup>9</sup> Um altar de terreiro de candomblé, localizado em quarto privado; pequeno relicário do povo africano.
- <sup>10</sup> Essas cadeiras, chamadas “conversadeiras”, tinham dois ou três assentos virados para lados opostos e eram próprias para pessoas que queriam conversar. Foram muito usadas no século XIX.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. Ed. São Paulo. Martins Fortes, 2008.
- GEORGES, Didi-Huberman. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Vera Casa Nova, Márcia Arbex, tradução: Consuelo Salomé, revisão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GORDILHO, Viga. *Terra Homem Signo, Uma Criação Plástica com Fibras, Pigmentos e Corantes naturais Brasileiros associados a possibilidades sintéticas*. Salvador, 1995. Universo Técnico, 103 p. il. e Universo Imaginário, 43p. il. Mestrado em Artes EBA/UFBA, Salvador, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Cantos, Contos, Contas: Uma trama às águas como lugar de passagem*. Salvador, 2004.
- MARTINS, Marcos. *Envoltório*. 2018. 250 f. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Artes Visuais, Área de Concentração em Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Processos de Criação em Artes Visuais. ECA/USP, São Paulo, 2018.
- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 4 ed. SP: Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Redes da Criação: construção da obra de arte – Cecilia Salles*. São Paulo: Horizonte/Vinhedo, 2008. 176 p.

## Viga Gordilho

Maria Virginia Gordilho Martins, artista visual e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. da EBA/UFBA. Realizou exposições individuais e coletivas em espaços culturais, museus e instituições, em várias cidades brasileiras, africanas e europeias. Autora de livros, textos e artigos sobre Processos Criativos. Membro da ANPAP – Associação Nacional e Pesquisadores em Artes Plásticas desde 1996 e membro da Academia de Ciências da Bahia. [vigagordilhofba@gmail.com](mailto:vigagordilhofba@gmail.com) e [www.vigagordilho.wixsite.arte/com](http://www.vigagordilho.wixsite.arte/com)